

Identificação e avaliação de estratégias de desenvolvimento rural sustentável para a cafeicultura do Sul de Minas

Miguel Angelo da Silveira, Philippe Bonnal, José M. G. Ferraz

email = miguel@cnpma.embrapa.br

Embrapa-CNPMA (Brasil)

Particularmente representativos da problemática das zonas cafeeiras brasileiras, os municípios de Machado, Poço Fundo e Campestre estão localizados no Sul do estado de Minas Gerais, Sudeste do Brasil, região que possui a maior produção de café do país.

A cafeicultura familiar dos três municípios é vigorosa e dominante, com cerca de seis mil estabelecimentos e testemunha a emergência do cultivo orgânico do café, uma diversidade de técnicas e a multiplicação dos processos inovadores de comercialização (comércio commodity, comércio justo e solidário, exportação de café orgânico para a Europa, Estados Unidos e Japão). Esta área é também palco de uma economia local ativa, marcada pela multiplicação de agentes econômicos ligados à cultura do café (comerciantes, cooperativas, empresas de insumos), a presença de empresas agroalimentares e a existência de um mercado de trabalho particularmente dinâmico. A especialização cafeeira (sempre crescente) se inscreve ademais, dentro de uma cultura camponesa de longa data, assegurando à área uma forte tipicidade territorial. Recentemente, a importância da zona cafeeira dos três municípios foi confirmada pela inauguração, por parte do governo do estado de MG, de um Centro de Excelência do Caf

é em Machado.

Localmente há um interesse manifesto concernente às indicações geográficas de qualidade e várias iniciativas, principalmente do poder político estadual, foram levadas a efeito recentemente. Entre os atores principais envolvidos citam-se professores da Escola Agrotécnica Federal de Machado e presidentes de cooperativas, que se inspiram na experiência do Conselho das Associações dos Cafeicultores do Cerrado CACCER, que concede certificados de qualidade, rastreabilidade e de modo de produção aos cafeicultores da região, fato que confere ao Brasil a única região de café oficialmente demarcada do mundo.

Com base nesta realidade, a Empresa Brasileira de Pesquisa - Embrapa lidera um projeto na área, em parceria com a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais - EPAMIG, Universidade Federal de Lavras - UFLA e Escola Agrotécnica Federal de Machado - EAFM, previsto para ser concluído em três anos, e que se estrutura sobre a caracterização do território, sob os aspectos técnico, comercial e cultural; a análise da percepção e da gestão da qualidade do café pelos agricultores; e

das dinâmicas sociais e territoriais valorizando os ativos específicos da região relacionados à cultura cafeeira.

29

Territorio y sociedad chiapaneca post-zapatista:
¿Será en fin posible el plan Puebla-Panamá?

Nathalie Gravel, Ph.D.

Profesora en la Universidad Laval, Québec, Canada.

Correo : nathalie.gravel@ggr.ulaval.ca

Con el fin de las actividades rebeldes de los Zapatistas, su decompuesta como organización, y las migraciones crecientes de Chiapanecos hacia los EEUU, se pretende analizar en esta ponencia las condiciones de implemento del Plan Puebla-Panamá dentro de un contexto post-zapatista en Chiapas. Para poder acudir a inversionistas extranjeros para cumplir con las metas del Plan de desarrollo Puebla-Panamá, la región donde se encuentra el Ejército de Liberación Nacional se debía de pacificar. La coyuntura actual deja pensar que el proceso de esta pacificación esta adelantado y que las condiciones primarias de estabilidad política se están materializando. Solo queda una duda: ¿cual es la huella que dejaron las reivindicaciones zapatistas en la sociedad indígena chiapaneca acerca de la soberanía territorial, el manejo de los recursos naturales y los usos de la tierra? No obstante la pérdida de poder en la escena publica de parte del EZLN, su influencia sutil sobrevive dentro de lugare

s precisos como los "caracoles" donde una cultura solidaria y comunitaria sigue vigente. En un contexto de empobrecimiento de los campesinos chiapanecos desde el viraje neoliberal, ¿se podría que los empleos de unas futuras maquiladoras se vuelvan atractivos para unos jóvenes? ¿O será que aun con las diferentes presiones sociales e económicas, la cultura indígena será todavía capaz de privilegiar su soberanía y resistir?